

A Guerra Civil Espanhola

Luis Felipe da Silva Neves*

Matéria extraída de palestra proferida, pelo autor, no evento *A Guerra Civil Espanhola e o Projeto das Frentes Populares*, promovido pelo NEC da UFF, em junho de 1996.

ESPECIFICIDADES IBÉRICAS

Vilar refere-se a uma espécie de continente menor ao pensar a Península Ibérica e, em função da ausência de um sistema coerente de vias de comunicação naturais como as existentes na França, por exemplo, temos um continente invertebrado.

Assim, nenhuma cidade espanhola pôde ter um papel próximo ao de Londres e Paris. As mesetas centrais são isoladas por estreitos vales do litoral do país, fazendo necessário aten-

tarmos para as diferenças acentuadas existentes entre os habitantes das terras altas do interior, mais propensos a governos fortes e centralizados, e aqueles em contato com o Atlântico e o Mediterrâneo, com tendência à dispersão e à autonomia.¹

Ao isolamento, devemos somar a brutalidade do clima, verões abrasadores e invernos gelados, o solo seco, ruim para a agricultura, necessitava de custosas obras de irrigação.

Vilar nos lembra que esses dois extremos de isolamento e de precariedade dos meios de vida são freqüentemente apontados na literatura contemporânea, nas origens dos valores espirituais dos espanhóis.²

Sobre esses valores, é ainda Vilar quem nos diz: *paixão pela independência,*

...valor guerreiro, ...ascetismo, ...gosto pela dominação política e seu desprezo pela ganância mercantil...³

O passado ibérico abriga oito séculos de presença moura (711-1492), sendo que esse contato não deve ser apreendido somente pela ótica da luta de reconquista, mas também, e sobretudo, através do enriquecimento cultural advindo desse encontro de etnias e religiões. Não há espaço para maiores considerações sobre isso, ficando somente assinalado que foram os árabes os primeiros a fazer uma fábrica de papel na Europa, que espalharam universidades e bibliotecas em seus domínios, e que foi pela pena deles que, inicialmente, antes do Renascimento, as obras clássicas gregas chegaram à civilização ocidental. Há um

* Professor. Do Departamento de História da UFF.

1. VILAR, Pierre. *História de España*, Barcelona, Grijalbo, 1981, pp. 15-6.

2. Idem, *Ibidem*

3. Idem, *Ibidem*

grande número de livros sobre o tema.⁴

Em função dos séculos de guerra com o sarraceno, o feudalismo ibérico teve características singulares: não houve uma fragmentação do poder como na França e na Inglaterra. Não é à toa que os primeiros Estados absolutistas modernos foram os reinos de Portugal e Aragão. Houve o surgimento de uma vasta pequena nobreza, os fidalgos – *hidalgos* – quase

toda pobre, apesar dos títulos.⁵

Aprendemos a falar de Espanha após o casamento de Isabel de Castela com Fernando de Aragão, em 1469, mas devemos lembrar que a unificação que esse fato representa é muito mais religiosa do que política.⁶ Os desejos autonomistas da Catalunha e do País Basco nos tempos contemporâneos exemplificam o que estou dizendo.⁷

É com uma pequena nobreza pobre e ociosa, com excesso de fé e de vocações religiosas e com muita sede de ouro que a Espanha dos reis católicos parte para a conquista de novas terras. Em pouco tempo um vastíssimo império – onde o sol nunca se punha – é forjado. Tal qual Portugal, é no século XVI que a Espanha tem sua época dourada. Os *tercios* habsburgos acham-se presentes por toda a Europa, não sendo sem motivos que o historiador inglês Paul Kennedy, em seu livro *Ascensão e queda das grandes potências*, começa pela Espanha. Também como Portugal, a Espanha não realiza um processo significativo de acumulação de capital, pelo contrário, deixa que seus metais nobres escoem para a

França e para a Inglaterra dentre outros. Depois do *Siglo de Oro* vem a decadência, implacável e duradoura, os campos ficam despovoados sem que cresçam as cidades, falta alimento, há crise generalizada. Vilar chama os reis que vieram após longos e ricos reinados de Carlos V (1516-56) e de Felipe II (1556-98) de *unos pobres hombres*.⁸ Creio que é partindo desse quadro histórico que se principia a encontrar as raízes da Guerra Civil, que ora faz 60 anos.

Atraso cultural, demora em se modernizar, estagnação... é por aí que devemos pensar a Espanha durante a era moderna, devendo a Igreja ser colocada na base disso tudo. Em outra obra, Vilar diz que a Guerra Civil Espanhola *foi freqüentemente descrita como uma guerra de religião*.⁹

Após o choque e o isolamento provocados pela fácil derrota na guerra com os ianques, em 1898, há como que um despertar cultural: algo assim como se a Espanha tivesse sido sacudida diante do seu próprio retardamento frente às potências de então. Nada mais natural que florescesse, nesse caldo católico de séculos e séculos

4. Ver, por exemplo, de LEWIS, Bernard. *Os árabes na História*, Lisboa, Estampa, 1982.

5. ANDERSON, Perry. *Espanha in Linhagens do Estado Absolutista* São Paulo, Brasiliense, 1985, pp. 58-83.

6. GREEN, Vivian Howard. *A unificação da Espanha com Fernando e Isabel, 1479-1516 in Renascimento e Reforma*, Lisboa, Dom Quixote, 1984, pp. 67-78. Apesar de o autor ter uma postura perante a Reforma Católica que pode ser considerada ultrapassada diante dos recentes trabalhos historiográficos sobre o tema, ele apresenta uma interessante narrativa política envolvendo a Espanha moderna.

7. PEREZ, Joseph (et al.). *La Frustración de un Imperio* (1476-1714). Tomo V da obra *Historia de España* (dir. p/ Manuel Tuñón de Lara), Barcelona, Labor, 1989.

8. São elucidativos sobre a Espanha imperial dois textos do brilhante historiador inglês John H. ELLIOTT, *Spain and América before 1700 in Colonial Spanish América* (org. P/ Leslie Bethell), Cambridge, Cambridge University Press, 1987, pp. 59-111 e *O Velho e o Novo Mundo – 1492-1650*, Lisboa, Quercó, 1984.

9. VILAR, P. *A Guerra da Espanha*, trad. Port., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p. 23.

de intolerância e de defesa do imobilismo social, um anticlericalismo militante.

Em nenhum outro lugar, escreve Herbert Matthews, *os extremos de paixão, fervor, amor, ódio e daquilo a que se chama a 'erupção da desrazão pura' se mostraram mais claramente do que na Igreja Católica da Espanha e nas suas relações com o povo.*¹⁰

Prosseguindo, diz Matthews: *A história da Igreja na Espanha é uma história de autoritarismo, intolerância, conservadorismo, impermeabilidade ao progresso. (...) Durante (quase) um milênio, foi, depois da Monarquia, a mais importante das instituições espanholas; era um Estado dentro de um Estado. Sancho, disse Dom Quixote ao seu fiel companheiro, chocamos contra a Igreja.*¹¹

10. MATTHEWS, H. *Metade da Espanha Morreu* - Reflexões atuais sobre a Guerra Civil Espanhola, Trad. Port., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975, p.35.

11. Cit. In Matthews, op. Cit. P. 36.

12. E. S. Padrós, *O fascismo espanhol e a guerra civil in História - ensino & pesquisa* - Porto alegre, Mercado Aberto, v1, nº 3, 1986, p. 9.

13. Idem, ibidem.

14. VILAR, P. (1989), p. 24.10. MATTHEWS, H. *Metade da Espanha Morreu* - Reflexões atuais sobre a Guerra Civil Espanhola, Trad. Port., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975, p. 35.

Estado dentro do Estado ou uma fortíssima instituição a serviço do Estado, ou tudo isso e mais alguma coisa?

O historiador inglês Eric Hobsbawm lembra que a Igreja espanhola rejeitava tudo o que havia acontecido no mundo desde Martinho Lutero. Enrique Serra Padrós escreve: *o monopólio quase total que possuía da educação dava-lhe considerável força de nível ideológico, que junto às riquezas obtidas através da cobrança de tributos dos fiéis e com os privilégios conferidos pelo Estado (isenção de impostos, títulos de terras etc.) a posicionavam à extrema direita de espectro político espanhol.*¹² Padrós ainda cita Rizzoni: *as riquezas da Igreja aumentavam anualmente desde 1874 até 1931, enquanto diminuía de ano para ano a sua influência entre os pobres.*¹³

Temos então que um extremo puxa o outro: diante de um catolicismo exacerbado, um anticlericalismo radical ... um ateísmo militante que Vilar diz configurar-se *como fé mística em uma melhora da humanidade pelo triunfo da razão sobre a superstição e o dogma.*¹⁴

Voltaremos às questões relativas à história das men-

talidades mais adiante, posto que são fundamentais para que possamos tentar compreender a Guerra Civil Espanhola, afinal estamos aqui para isso, pois como diz Hobsbawm, o dever do historiador é compreender e não julgar. Passaremos agora a examinar alguns dados básicos da Espanha contemporânea.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES OPORTUNAS SOBRE A VIDA SÓCIO-POLÍTICA DA ESPANHA CONTEMPORÂNEA

Pronunciamento, que em castelhano significa golpe, é a palavra-chave para a compreensão da política espanhola ao longo do século XIX, século esse que Vilar classifica de *político*, compreendendo-o entre 1814 e 1917. Em 1873, começa a primeira experiência republicana da Espanha, mas que, no entanto, dura pouco. Há a necessidade de mudanças, as podres elites políticas nada conseguem fazer. 1898, já vimos, é um marco. Geração de 98: os intelectuais clamam por modernização; os pobres, que são a maioria da população, começam a querer participar da vida política. Franz Borkenau no

livro *The Spanish Cockpit* diz que *tal separação entre o povo e os grupos governantes, tal passagem da iniciativa para as camadas mais baixas da sociedade, é sempre um sintoma da profunda decadência e desintegração de uma velha civilização*.¹⁵

Em 122 anos de história, a Espanha sofreu 52 tentativas de golpe-de-Estado, sendo que somente 11 lograram sucesso; não é à toa, pois, que *Pronunciamento* seja uma palavra de uso praticamente universal.

Vilar lembra que podemos distinguir os *pronunciamentos* do século passado dos do atual, tendo os primeiros um programa *positivo (freqüentemente liberal, romântico e idealista)* e os golpes do século XX, *sendo simples precauções contra-revolucionárias*.¹⁶

Devemos atentar para o fato de que, antes de 1936, nenhum golpe ou tentativa de golpe havia resultado numa guerra civil. Isso serve para mostrar, entre outras coisas, que a sociedade espanhola tinha mudado, malgrado a ação da Igreja e dos grupos conservadores diri-

gentes, em direção sempre contrária.

Durante a Primeira Grande Guerra Mundial, a Espanha viveu um período de alívio econômico, como normalmente todos os países neutros, face a um conflito generalizado, vivem. É instigante lembrar aqui a indiscutível ruptura no plano das mentalidades ocasionada pela guerra de 14-18. Somos daqueles que, comungando com Geoffrey Barraclough e outros historiadores anglo-saxônicos, situam o começo dos tempos contemporâneos no último quartel do século passado e não no tradicional marco da Revolução Francesa. Alguns colocam esse marco na guerra de 14, tal o seu impacto na sociedade. Não duvido que, num futuro próximo, a maior parte de nós pense assim.

Infelizmente, não há espaço aqui para nos alongarmos na história política da Espanha. Fica o registro de que entre 1923 e 1930, o país viveu uma ditadura (de Primo de Rivera) que manteve a Monarquia. No início de 1931, as eleições surpreendem, revelando a vontade popular antimonárquica. O rei abdica e começa a segunda experiência republicana da Espanha. O quadro

sócio-político, já percebemos, é extremamente perturbado. Esperamos que tudo isso fique menos nebuloso a partir de uma visão da sociedade espanhola no começo da década de 30.

A ESPANHA DO PRÉ-GUERRA E AS FORÇAS EM LUTA

Reproduz-se abaixo a introdução do filme *Morrer em Madri*:

*Espanha, 1931, 503.061 km² de terra, quase a França. Uma população de 24 milhões de pessoas. Doze milhões de analfabetos e oito milhões de pobres. A propriedade da terra toda é dividida entre 20 mil pessoas, enquanto mais de dois milhões de camponeses não possuem um palmo de terreno. Províncias inteiras são possuídas por apenas um só homem. Salário médio de um trabalhador: uma a três pesetas diárias. Um quilo de pão custa uma peseta. (...) 60 mil religiosos e 5 mil conventos; 15 mil oficiais, dentre os quais 800 generais. Um oficial para seis homens...*¹⁷

Era um país essencialmente agrícola, havendo atividades industriais apenas na Catalunha (têxteis) e

15. Cit. In H. Matthews, op. Cit., p. 34.

16. Vilar, 1989, p. 27.

17. cit. In. E. S. Padrós, op. cit, p. 5.

no País Basco (metalurgia), sob o tacão do capital estrangeiro. A historiadora paulista Ângela Mendes de Almeida diz que *numa população ativa de 11 milhões, 8 milhões constituíam o extrato inferior, aqueles que mal ganhavam para sobreviver: pequenos artesãos, operários mineiros, trabalhadores rurais diaristas, rendeiros e pequenos proprietários; dois milhões compunham a classe média: camponeses médios e pequena burguesia urbana; e um milhão constituía a classe privilegiada: funcionários, padres, militares, intelectuais, grandes proprietários rurais e alta burguesia.*¹⁸

A maior parte de nós, hoje, às portas do terceiro milênio, possui ou ao menos utiliza um computador. Fica difícil pensarmos a Espanha de somente 60 anos atrás ainda com resquícios do medieval, mas é a verdade. Pierre Broué cita uma mas-

sa camponesa 45% analfabeta contrapondo-se a cerca de 80 mil religiosos dos mais de 11 mil domínios da Igreja. *O seu chefe, o cardeal Segura, arcebispo de Toledo, goza de uma renda anual de 600 mil pesetas – em relação a 161 pesetas, em média, de um pequeno proprietário andaluz. Segundo a expressão de um historiador espanhol, ele é um eclesiástico do século XIII, para quem o banho era uma invenção de pagãos, senão do próprio diabo.*¹⁹

Há que se refletir um pouco mais sobre esse tremendo controle ideológico, sobre esse controle que a Igreja exercia sobre a massa da população no terreno das mentalidades. Marx já havia avisado que é nesse campo onde as transformações se processam mais lentamente, encontrando mais resistência, mas o que aconteceu na Espanha foi um exagero... uma mensagem da única universidade da Catalunha para o Rei Fernando VII (1814-33) dá uma noção do que eu quero dizer: *Longe fique de nós a perigosa novidade do pensamento (sic).*²⁰

Extremos se atraem, todos dizem...um exemplo

disso é o anarquismo espanhol. Seu patriarca, Anselmo Lorenzo Asperilla (1841-1914) visitou Marx, em Londres, em 1870, e chamou sua ciência de burguesa... O anarquismo espanhol foi fortíssimo, principalmente na Catalunha, e seu estudo

Fica difícil pensarmos a Espanha de somente 60 anos atrás ainda com resquícios do medieval, mas é a verdade.

constitui um capítulo à parte na história da guerra civil. Tome-se como exemplo novamente Asperilla que, juntamente com Francisco Ferrer, realizou uma verdadeira obra educacional, mais importante ainda em função do abandono ao analfabetismo que a escola oficial relegava milhões de jovens em toda a Espanha.²¹

*O anarquismo – escreve Vilar – abriga também antigas particularidades espanholas: fidelidade às pessoas, exaltação ao ato individual e sobretudo essa necessidade de libertação, mais passional que intelectual, ante a pressão secular da religião.*²²

Mas vamos voltar à Guerra Civil... Não cabe aqui uma resenha seqüen-

18. ALMEIDA, A. M. *Revolução e Guerra Civil na Espanha*. São Paulo Brasiliense, 1981, col. Tudo é História nº 31), p. 10.

19. BROUÉ, P. *A Revolução Espanhola, 1931-1939*, trad. Port., São Paulo, Perspectiva, 1992, p. 20.

20. Cit. in H. Matthews, p. 37.

21. WOODCOCK, George. *Os Grandes Escritos Anarquistas*, Porto Alegre, L&PM, 1986.

22. Vilar, 1981, p. 110.

cial da vida política nos anos pré-guerra: qualquer manual fornece esses dados e, como diz Vilar, é mais importante fazer compreender do que fazer conhecer... Limite-me a lembrar do biênio *rojo* (1931-33), ou *reformador*, sob Azaña, e o biênio negro, de reação, onde a direita procurou desfazer as reformas (mal feitas) da esquerda. A Igreja pela primeira vez fora afastada do Estado, mas a questão agrária – de longe a mais grave – permanecia sem solução. Havia muito sangue sendo derramado no campo e nas cidades, igrejas eram atacadas, *curas* eram mortos; nas Astúrias um levante de mineiros foi sufocado com mais de 4 mil mortes. Quando, após a vitória de uma coligação de esquerda – *frente popular* – o político de direita Calvo Sotelo é assassinado (13 de julho de 1936), precipita-se uma revolta liderada por oficiais do Exército. É um golpe, mais um *pronunciamiento*, só que esse encontrou o povo armado para defender a República e um governo eleito pelo voto. Vamos ver quais eram as forças em luta e como a ajuda estrangeira decidiu a guerra.

• OS GOLPISTAS, nacionalistas, rebeldes ou “fascistas”

A maior parte do oficialato do Exército aderiu à rebelião. Seus líderes eram generais e Franco, Francisco Paulino Hermenegildo Teófilo Franco y Bahamonde (1892-1975), que custou a aderir à conspiração, assume o comando, junto com o General Emilio Mola, no início da guerra, em função da morte em acidente de aviação do General Sanjurjo, o mais prestigiado dos líderes golpistas. O golpe fora tramado com todo o tempo e calma, pois devido a um erro crasso do governo de Azaña, os generais que pareciam perigosos à República foram colocados na reserva, podendo assim conspirar, de manhã à noite sem compromissos. O modo como Azaña conduziu as reformas militares também aparentemente foi errado, pois ofendia a corporação. Além disso, oficiais potencialmente capazes de solapar a República foram transferidos para guarnições distantes e isoladas, esquecendo-se que de há muito o mundo vivia na era do telefone.

O General Mola, que havia cunhado a máxima *quem*

não está conosco está contra nós e deve ser tratado como inimigo, que teve sinistras repercussões, morreu num desastre aéreo (outro) em julho de 1937, deixando o caminho livre para Franco estabelecer-se como *El Caudillo*.

A principal força dos rebeldes era o Exército da África, no Marrocos espanhol, últimas terras coloniais da Espanha. Dividia-se nos *regulares* mouros e na Legião *tercio de extranjeros*. A ferocidade dessas tropas era brutal; o lema da Legião era *Viva a morte...*

Não devemos esquecer que as Forças Armadas espanholas eram muito fracas, tendo, como única experiência militar no século, a Guerra do Rif (no Marrocos), aonde não foi raro o soldado europeu sucumbir ao rebelde africano. A Marinha e a Força Aérea ficaram na sua maior parte leais à República mas, como veremos adiante, isso não significou muito.

Significado amplo teve a pronta ajuda italiana e alemã, sobretudo esta última. Assim que foi iniciado o movimento, aviões alemães de transporte, trimotores *Junkers* – JU-52 foram levados para o Marrocos, a fim de trans-

portar de imediato milhares de soldados do Exército da África para o solo espanhol, garantindo uma cabeça-de-ponte perto do Estreito de Gibraltar, que foi fundamental para o desenrolar dos acontecimentos. Hitler, após a vitória de Franco, disse que este deveria construir um monumento ao avião alemão.

À extrema direita dos golpistas encontramos a Falange Espanhola, organização fascista criada, em 1933, por José Antonio Primo de Rivera (filho do ex-ditador), que agrupava principalmente membros das camadas médias. No ano seguinte a Falange uniu-se às JONS (Juntas de Ofensiva Nacional – Sindicalista) que, por sua vez, resultara da fusão das JCAH (Juntas Castelhanas de Atuação Hispânica) com o grupo nacional – sindicalista lide-

rado por Ledesma Ramos. Significativamente, roubam as cores vermelho e negro dos anarquistas para suas bandeiras, criam todo um aparato circense envolvendo símbolos, gestos e uniformes, bem ao gosto do nazifascismo da época. São antiliberais, anti-semitas (os poucos oriundos das JONS), ultranacionalistas, antimonarquistas e sobretudo anti-comunistas. Seu discurso é assaz contraditório, como nos mostra Serra Padrós em seu esclarecedor artigo sobre o fascismo espanhol: (...) *viva o mundo novo, viva a Itália fascista, viva a União Soviética, viva a Alemanha Hitlerista, viva a Espanha de amanhã, abaixo a democracia parlamentar!*²³

Matthews cita um trecho revelador dos estatutos da falange: *Como criador da Era Histórica (sic) em que a Espanha atinge a possibilidade de cumprir seu histórico destino e os objetivos do Movimento, o Jefe assume autoridade absoluta e total. O Jefe é responsável perante Deus e a História.* Em seguida o autor diz: *Isto, não é o fascismo, é a chave para o sistema governamental da Espanha durante e depois da Guerra Civil.*²⁴

À direita vemos ainda os monarquistas e o seu ramo mais aguerrido, os *carlistas*,²⁵ que se revelaram – assim como as tropas da África – os melhores soldados do lado golpista. Há ainda outros grupos alinhados com Franco, de menor importância – como o SEU (Sindicato Espanhol Universitário).

É Hobsbawm quem nos lembra que tanto o clero como os monarquistas não viam diferença significativa entre liberais e comunistas, *todos igualmente ateus, não havendo portanto possibilidade de acordo com qualquer deles.*²⁶

Naturalmente, ficaram do lado franquista os segmentos conservadores e abastados da sociedade, os clérigos, evidentemente, com exceção daqueles do País Basco, o único lugar em toda a Espanha onde os sinos das igrejas repicavam pela República. Não podemos falar em uma burguesia no sentido marxista usual, uma vez que o desenvolvimento do capitalismo na Península Ibérica constitui um caso à parte. O certo é que os ricos, os *terratenientes* (grandes proprietários), aderiram ao golpe. Quanto às camadas médias, o mais correto é dizer que ficaram divididas, e aqui

23. E. S. Padrós, op. cit., p. 17.

24. MATTHEWS, op. cit., p. 103.

25. O carlismo foi um movimento ferozmente monarquista e ultratradicionalista, com forte apoio camponês, sobretudo na guerra. Os carlistas travaram guerras civis na década de 1830 e 1870, defendendo um ramo da família real espanhola. In HOBBSAWM, Eric, *A Era dos Extremos, o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo, Cia. Das Letras, 1995, p. 158. Sobre a guerra espanhola ver pp. 157-65.

26. Idem, p. 159.

é necessário recordar as graves diferenças regionais do país. Na Galícia, noroeste da Espanha, reinava o conservadorismo – era a terra de Franco – conservadorismo esse natural dos galegos; por outro lado, na Catalunha, o que aconteceu foi muito mais do que uma simples resistência a um golpe, aconteceu uma verdadeira revolução social.

• OS LEGALISTAS, republicanos ou *Rojos* (vermelhos)

O uso de mapas – algo fundamental no estudo da história – mostra as zonas rebeldes e legalistas ao longo dos anos de lutas.²⁷ A maior parte da população ficou do lado da República. Apesar de

27. KINDER, Hermann (et al.) *Atlas Histórico Mundial – de la Revolución Francesa a nuestros días*, Madrid, Istmo, 1986, pp. 218-219.

28. ORWELL, G. *Lutando na Espanha (e recordando a Guerra Civil)*, Porto Alegre, Globo, 1986. O famoso escritor inglês desiludiu-se com o comunismo muito em função dos descabimentos assistidos na Espanha e dos relatos terríveis chegados da Rússia; produziu então dois geniais libelos contra o stalinismo, *1984 e Revolução dos Bichos*.

29. Ver a resenha de *Land and Freedom* de Eric Mompó, da Univ. de Barcelona, in: *O Olho da História – revista de história contemporânea*, Salvador, v1, nº1, nov. 1995, pp 165-173.

os republicanos dominarem uma extensão maior, as poucas terras produtoras de cereais caíram em mãos rebeldes. O soldado que defende o Governo é o camponês, o trabalhador simples da cidade. Mal-armados, destreinados, arrastam consigo inúmeros soldados regulares e, até mesmo, membros da temida *Guardia Civil* (criada em 1844 para impor a ordem no campo), em Barcelona, lutaram contra os franquistas.

Um dos maiores problemas enfrentados pelos republicanos foi a profunda desorganização reinante entre suas tropas. Algumas milícias anarquistas, por exemplo, só acatavam ordens após terem deliberado em assembléia. Não havia uniformidade, faltava disciplina, coordenação – sobrava boa vontade, paixão, rivalidade e despreparo. Com o tempo – mais ajuda da União Soviética e o sacrifício de muitos ideais – conseguiu-se um corpo relativamente treinado. Mas aí já era tarde demais, a sorte da jovem República já estava selada.

Capítulo à parte na Guerra Civil Espanhola foi forjado com heroísmo, glória e muito sangue estrangeiro. Estou me referindo, é óbvio,

ao caso dos voluntários do mundo todo que foram lutar contra o fascismo – e pelo socialismo (é bom lembrar que os crimes de Stalin ainda eram secretos e mal começavam...) – na chamada *última das grandes causas justas...* Eram, antes de tudo idealistas e nada melhor do que o belíssimo filme inglês de Ken Loach, *Terra e Liberdade* (1995), para ilustrar o tema. Nele vemos claramente as diferenças entre lutar nas milícias anarquistas – ou do POUM (Partido Obrero de Unificación Marxista), ou nas *Brigadas Internacionais*, controladas por Moscou, melhor equipadas, treinadas, disciplinadas, quando *Blanca* ofende *Dave* gritando-lhe: *stalinista de mierda*, ao descobrir que este aderira à Brigada. Absolutamente fundamental sobre isto é o livro de George Orwell *Homage to Catalonia*, de 1938,²⁸ relato das experiências do famoso escritor quando miliciano do POUM, tal como *Dave* no filme (aliás, esquisito é não parecer nenhuma menção ao livro no filme: as semelhanças ultrapassam as possibilidades de coincidência).²⁹

É por que não lembrar do livro *Saga* de Érico Veríssimo,

onde Vasco Bruno abandona os pampas para engrandecer sua existência lutando contra o fascismo?

Voltando à situação militar dos legalistas, é mais uma vez Pierre Vilar quem nos fala:

*Quanto aos armamentos, a divisão inicial não é, na aparência, desfavorável ao Governo: uma boa metade das armas habituais, 3/4 das unidades de marinha, 4/5 dos aviões. Compreende-se que uma historiografia recente (orientada) combata a imagem que dominou, em 1936, a opinião democrática mundial: aquela de povo desarmado, forte unicamente por seu entusiasmo, contra uma minoria militar poderosamente dotada. Pode-se perguntar se essa imagem não era, de fato, mais verdadeira que os números. Soldados improvisados, comandantes novatos ou suspeitos, material antiquado, Marinha sem oficiais, é isso uma força?*³⁰

Essa aparente superioridade numérica e territorial dos legalistas é fulminantemente anulada devido,

sobretudo, à intervenção estrangeira, veloz e eficiente, decidindo a sorte da guerra em favor do levante. Pelo outro lado, a postura, no mínimo hesitante, das potências democráticas selou o destino da República. É necessário colocar a Guerra Civil Espanhola no terreno das relações internacionais e desprezar, por questão de tempo, a narrativa das batalhas, pois, afinal, como diz Braudel:

A guerra não é, simplesmente, a contracivilização.

Nós, historiadores, colocamo-la constantemente em causa sem conhecer a sua ou as suas naturezas.(...) Colocamo-la em causa, e é bem necessário: pois a guerra não deixa de atuar sobre a vida dos homens. Os cronistas empurram-na para o primeiro plano das narrações; os contemporâneos não têm outra preocupação senão a de formular conclusões acerca dela, de distinguir responsabilidades e conseqüências.

*Se estamos decididos a não exagerar de modo algum a importância da história das batalhas, não pensamos em afastar a poderosa história da guerra, formidável, perpétua movimentação da vida dos homens.*³¹

A DECISIVA PARTICIPAÇÃO ESTRANGEIRA

O primeiro país a mandar armas para o lado legalista foi a França, em função de uma tomada de atitude de León Blum – socialista líder da Frente Popular, então no poder. Ele fez isso logo no início da guerra, antes de partir para Londres, a fim de discutir a cada vez mais periclitante situação européia com seu maior aliado. Armas, ao que me parece, a França não mais mandou em razão da forte reação da direita, que havia se indignado com o ato de Blum e pela atitude da Inglaterra. William Shirer, conhecido jornalista americano daquela época, escreveu, na década de 60, um precioso livro sobre a derrota francesa em 1940 onde, no primeiro volume, consta um esclarecedor capítulo enfocando o drama pessoal de Blum – e da Terceira República – diante do caso espanhol.³²

O México foi outro país a defender a República, mas pobre México (...*tan lejos de Dios y tan acerca de Norteamérica...*), que podia mandar a subdesenvolvida nação fora uns fuzis e mantimentos? A real ajuda recebida veio da União Sovi-

30. Vilar (1989), p. 44.

31. Fernand Braudel, *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo*, São Paulo, Martins Fontes, 1985, v.2, p.199.

32. Shirer, W. L. *A Queda da França*, Rio de Janeiro, Record, s/d, 3v.

tica, aviões modernos, tanques, armas ligeiras, instrutores, munição... A questão era que Stalin, dentre outras coisas, estava buscando construir alianças com a França e a Inglaterra e, para não ser mal visto por esses países, cortou o fornecimento de armas à Espanha.

É interessante observar que a ajuda soviética não foi imediata, pois o pessoal da Internacional Comunista, em Moscou, colocava a Espanha como parte do mundo *colonial e semicolonial*, tendo que – *obrigatoriamente* – passar pela etapa liberal-burguesa. A mudança que se dá em início de setembro na posição da URSS foi devido à intervenção maciça e pública dos nazi-fascistas e também em função dos expurgos que Stalin já havia iniciado.³³

Por um ângulo, pode-se afirmar que foi a louca e pérfida Albion – a Inglaterra – quem primeiro decidiu a sorte da guerra ao assumir uma atitude passiva, de não-intervenção, e forçar a França a seguir os seus passos. Os EUA não ficaram atrás: enquanto que Roosevelt – mais ansioso em reeleger-se do que qualquer outra coisa

– vociferava contra toda espécie de guerra, o Departamento de Estado vetava a companhia aeronáutica Martin de vender aviões para o governo legítimo, eleito pelo povo. Simultaneamente a Texaco (Texas Oil Company) entrava em entendimentos com os rebeldes para fornecimento de combustível. Não houve intromissão do Governo nessas torpes negociações. Muito lucro e pura hipocrisia...

Pelo lado rebelde, como já vimos, a ajuda externa foi rápida e decisiva, sendo também a maior. Os italianos mandaram dezenas de milhares de soldados – mais de 60 mil só de infantaria lutaram simultaneamente – bem armados, com tanques (embora fossem inferiores aos que a URSS mandava para os republicanos), submarinos e o mais importante, aviões em grande número. Mussolini, ao que tudo indica, estava sinceramente desejoso da vitória dos franquistas, despejando com vasto crédito uma torrente de homens e material na Espanha.

Já Hitler agiu mais pragmaticamente a fim de atender, antes de tudo, aos interesses da Alemanha – que eram os seus próprios com o louvor da maioria do povo.

Contudo, a intervenção alemã é decisiva. Fora os navios bloqueando os portos legalistas, em parceria com a Marinha italiana, é criada a Legião Condor, um grupoamento aéreo – contando com tropas para a proteção de aeródromos – que, operando em forma de rodízio, possibilitou a *Luftwaffe* ter um quadro de oficiais quase todo com experiência de combate: estabeleceu domínio aéreo quase sempre aonde atuou, espalhando, a seguir, a destruição junto aos soldados legalistas. O apelido que a Legião Condor recebeu ilustra a sua importância na luta: *os bombeiros de Franco*, isto é, agiam em socorro dos rebeldes toda vez que os republicanos levavam vantagem. O genial pintor espanhol Pablo Picasso, quando indagado por um oficial alemão se tinha sido o autor de Guernica retrucou: *não foram vocês...*

As potências montaram uma enorme farsa com o nome de *Comissão de Não-Intervenção*. Seus membros concordavam entre sorrisos a não intromissão na guerra espanhola, enquanto alguns países por eles representados agiam ativamente (e abertamente) pelo lado golpista. O comerciante de vinho alçado a Ministro das Relações

33. Ver Angela Mendes de Almeida, op. cit., pp. 46-50.

ções Exteriores do 3º Reich, Joachim von Ribentrop ironizou, dizendo, na época, que a comissão deveria se chamar exatamente *Comissão de Intervenção*.

Ao inverso dos estrangeiros que lutaram pela República, os italianos e os alemães que combateram por Franco não mantiveram um bom relacionamento com os espanhóis. Os nazistas, por exemplo, montaram bordéis exclusivos aos *super-homens germânicos*, criando inevitáveis conflitos de ordem racial com seus aliados

espanhóis e italianos – latinos – *seres inferiores*, segundo os manuais nazistas de Hitler e de Rosenberg, para citar só os mais conhecidos.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Para muitos os sonhos se foram, acabou a última guerra idealista, *pura*, da história. Os socialistas de diversas tendências bateram-se estoicamente – às vezes, entre si mesmos – e milhares morreram pela República assassinada pela vil aliança de Franco com os fascistas e

os nazistas, mais a complacência oportunista e covarde dos anglo-franceses, do isolacionismo hipócrita dos EUA e a suspensão da única real ajuda que era a russa. Muitos ao menos morreram com inabalável fé na justiça e na nobreza de sua causa, sem tomar conhecimento do esmagamento dos ideais de igualdade social de Marx por Stalin e sua camarilha, sem saber das ações dos carascos Yagoda, Beria ou Yesov, o *anão sanguíneo*.

Mas isso é outra história...³⁴

34. Texto original da palestra revisado em março de 1998.

ATUALIZE SEU CADASTRO

A BIBLIEX quer levar suas publicações até você em qualquer parte do Brasil ou do exterior. Se você mudou de endereço, ou deseja fazer alguma alteração junto ao nosso cadastro, preencha por favor o formulário abaixo indicando somente seu nome e a informação que deverá ser alterada. Obrigado!

NOME			
ENDEREÇO para correspondência			
CIDADE	UF	PAÍS	CEP
DATA DE NASCIMENTO	SEXO Mas. <input type="checkbox"/> / Fm. <input type="checkbox"/>	IDENTIDADE e órgão emissor	CPF
ORGANIZAÇÃO ONDE TRABALHA			
ENDEREÇO PROFISSIONAL			
MILITAR <input type="checkbox"/>	POSTO / GRAU (se militar)	<input type="checkbox"/> Ativa <input type="checkbox"/> Reserva	PROFISSÃO (se civil)
REVISTA QUE ASSINA			
<input type="checkbox"/> A DEFESA NACIONAL <input type="checkbox"/> REVISTA DO EXÉRCITO BRASILEIRO <input type="checkbox"/> REVISTA MILITAR DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA			

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO
 Palácio Duque de Caxias – Praça Duque de Caxias, 25 – Ala Marcello Dias – 3ª andar – Centro – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20221-260
 Ligação Gratuita de todo Brasil: (0800) 23.8365
 Teletax: (021) 519.5569 – E-mail: bibliex@ism.com.br